

BRINCADEIRA DE MENINA, BRINCADEIRA DE MENINO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Mateus Leonardo Cassimiro Vasconcelos

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

mateuslcv@gmail.com

Eixo VII

Resumo: Este artigo adota como objeto de pesquisa um determinado tipo de noções criadas no senso comum em relação ao gênero na infância, que concebem a idéia de que seriam pré-estabelecidos quais seriam os tipos de brinquedos, brincadeiras e outros tipos de interações que cada criança deveria se interessar e se identificar, levando-se em conta apenas o sexo biológico destes indivíduos e que acabam gerando vários tipos de problema quando alguma criança não se encaixa ou não se identifica com tais noções. Através de uma discussão acerca do conceito de brinquedo em si e da concepção de sua imagem dentro de sua própria indústria na sociedade capitalista, fazendo um paralelo com as idéias relacionadas à pluralidade da identidade de gênero e os debates e situações vivenciadas nesse âmbito dentro da esfera da educação e fora dela, como em músicas, além da fundamentação referente à história oral e como ela se concebe como memória, abarcando não só uma narrativa oral, mas vários outros aspectos da subjetividade da trajetória do sujeito. Realiza-se, com um olhar que perpassa, em suma, o viés da teoria do desenvolvimento humano sociocultural, uma análise dos relatos de duas irmãs que nasceram na década de 90, no município de Ji-Paraná, porém tendo vivido a maior parte da infância no município de Presidente Médici, ambos no interior do estado de Rondônia, sendo uma homossexual e a outra não, que contam como foram suas infâncias em relação à quais brinquedos e brincadeiras gostavam mais, além de suas próprias impressões e trajetórias referentes aos aspectos que permeiam suas orientações sexuais.

Palavras-chave: Brinquedos; Gênero; Infância.

Abstract: This article adopts as a research object a certain type of notions created in the common sense regarding the gender in the childhood, that conceive the idea that they would be pre-established what would be the types of toys, jokes and other types of interactions that each child should to be interested and to identify, taking into account only the biological sex of these individuals and that end up generating several types of problem when some child does not fit or does not identify with such notions. Through a discussion about the concept of toy itself and the conception of its image within its own industry in capitalist society, paralleling ideas related to the plurality of gender identity and the debates and situations experienced in that sphere within the sphere education and beyond, as well as in music, as well as the foundation of oral history and how it is conceived as memory, encompassing not only an oral narrative, but several other aspects of the subjectivity of the subject's trajectory. In short, the bias of the theory of human socio-cultural development, an analysis of the reports of two sisters who were born in the 1990s, in the municipality of Ji-Paraná, but who lived most of the childhood in the municipality of Presidente Médici, both in the interior of the state of Rondônia, being one homosexual and the other not, that tell how their childhoods were in relation to which toys and games they liked more, besides their own impressions and trajectories referring to the aspects that permeate their sexual orientations.

Keywords: Toys; Gender; Childhood.

1 INTRODUÇÃO

Papéis tidos como inerentes aos sexos estão presentes no cotidiano do ser humano desde antes mesmo de seu nascimento. Coisas de menino, ou coisas de menina, são noções

que permeiam e influenciam os indivíduos, como na escolha de um nome, no ato da compra de uma roupa ou um brinquedo e outras diversas situações. É focando neste aspecto em particular do cotidiano, que esta pesquisa se baseia: o brinquedo e sua relação com a identidade de gênero na infância.

Para se entender como o brinquedo se relaciona com esses pressupostos determinantes, primeiro deve-se entender quais são e o que são os conceitos em torno dessa relação. Ampliar a noção sobre o que é o brinquedo em si e como ele é concebido em diversas sociedades, em especial a capitalista, levando-se em conta os interesses inerentes e subjetivos envolvidos no processo de criação desses brinquedos e de sua indústria, além de identificar as influências desse objeto material e simbólico no desenvolvimento sociocultural do ser humano, relevando-se os aspectos em relação à questão de gênero e suas diversas significações atuais.

Tal pesquisa tem como objetivo problematizar o assunto à luz de pesquisa bibliográfica e também empírica quanto ao fato de existirem, no decorrer da trajetória das crianças, certos papéis, tidos como inerentes aos sexos, que não levam em conta as vivências e subjetividades dos indivíduos e ainda os julgam e discriminam caso eles não se encaixem nesses papéis.

2 A CRIANÇA

A temática discutida nesta pesquisa, também é um dos assuntos abordados no álbum “Livre Para Ser... Eu e Você” (título original: Free to Be... You and Me), de Marlo Thomas(1972), em que vários artistas influentes de sua época, como Michael Jackson e Diana Ross se juntaram à Marlo Thomas para gravar músicas voltadas ao público infantil em que são abordados, com leveza e poesia, temas que necessitavam ser discutidos com as crianças e não apenas silenciados ou enfrentados como tabus.

Como na música de Marlo Thomas (1972), “William Quer Uma Boneca” (título original: William Wants A Doll) baseada no livro infantil “William’s Doll” de Charlotte Zolotow (1972), em que o garoto Wiliam, de nove anos de idade, manifesta incessantemente o seu desejo de ganhar de presente uma boneca “[...] para abraçar e cuidar” (THOMAS, 1972, Tradução nossa), porém seu desejo é visto de uma forma ruim pelos pais, que tentam dar-lhe vários outros tipos de brinquedos tidos como de meninos, para que o garoto esqueça a boneca; e visto como motivo de zombaria dos colegas “[...] Não seja uma mariquinha disse o seu melhor amigo Ed, Por que um menino quer brincar com uma boneca?” (THOMAS, 1972, Tradução nossa). Porém, no final da música, sua avó, ao se deparar com a situação, lhe

oferece como presente a boneca desejada e apazigua a opinião do pai de William ao dizer que o garoto só quer “[...] cuidar de seu bebê como todo bom pai, Deve aprender a fazer, Porque algum dia ele também será pai” (THOMAS, 1972, Tradução nossa).

É decorrente de situações como as de William e de outras crianças, que por diversos motivos não se identificam e confrontam as noções colocadas de coisas tidas de menino e coisa tidas de menina, que a pesquisa em desenvolvimento tenta entender os conceitos acerca dessas situações e problematizar essas noções.

3 O BRINQUEDO

Para que se entendesse melhor o conceito (ou os vários conceitos) acerca do que é o brinquedo em si, foi obtido através de uma pesquisa e leitura do trabalho de conclusão de curso da pedagoga Walkiria Amanda de Oliveira Costa (2014), chamado “O brinquedo e o gênero na educação infantil pré-escolar no município de Rolim de Moura”, que dentre suas referências, o texto escolhido para análise foi o livro “Brinquedo e Cultura” de Gilles Brougère (2004).

A pesquisa de Brougère (2004) proporciona uma diferente noção do conceito de brinquedo, sendo este “[...] um fornecedor de representações manipuláveis, de imagens com volume” (BROUGÈRE, 2004, p.9), conservando o que o autor chama de:

Especificidade do brinquedo que é trazer a terceira dimensão para o mundo da representação. É claro que essa imagem manipulável deve ser adaptada à criança tanto no que diz respeito ao seu conteúdo quanto na sua forma, para ser verdadeiramente reconhecida como brinquedo. (BROUGÈRE, 2004, p.9)

Ressaltando que este brinquedo, em cada povo e cada ambiente no tempo e no espaço, pode possuir as mais diversas representações de acordo com suas respectivas culturas.

A maior parte dos brinquedos se apresenta como uma representação de uma imagem, a qual está relacionada com um universo particular, cheio de significações e subjetividades explícitas ou implícitas expressadas por essa imagem, sendo assim “Conceber e produzir um brinquedo é transformar em objeto uma representação, um mundo imaginário ou relativamente real.” (BROUGÈRE, 2004, p.16)

Nesse sentido, o brinquedo, carregado com essa imagem representada, acaba manipulando, de forma sutil, na forma de uma sugestão implícita, a brincadeira que seria gerada da interação com este determinado brinquedo, pois “Com seu valor expressivo, o brinquedo estimula a brincadeira ao abrir possibilidades de ações coerentes com a representação [...]” (BROUGÈRE, 2004, p.15)

Esse fenômeno se observa nos relatos das entrevistadas, que deve conter um olhar especial ao se entender que ao trabalhar com tais fontes “[...] não se tem mais a ingenuidade de considerá-las ‘testemunhos do real’, ‘elos com a realidade’, ‘captura do real’, ou até mesmo levantar questões, tais como, ‘reviver o passado’ [...] Mas, de maneira enfática, a orientação é outra, procura-se ampliar os aportes teóricos que dão amparo às discussões e sistematizações dos procedimentos de análise”. (DUARTE et al, 2012, p.21), para se poder compreender todas os aspectos em relação às individualidades de seus discursos, como na fala da entrevistada Ayla ao dizer: “[...] porque a Barbie, a gente se vê, como se a gente tivesse... a Barbie ta fazendo as coisas, a gente ta fazendo as coisas [...]” (informação verbal)¹.

Porém, esse brinquedo, mesmo que tenha seus fatores condicionadores, não está livre da subjetividade de interpretação da criança, que tem a possibilidade de escolha de como vai brincar, dando a sua brincadeira o significado que ela quiser, como em outra fala da entrevistada Ayla: “[...] Brincava mais sozinha e geralmente brincava com Barbie mesmo e quando não tinha Barbie eu usava, era sempre sozinha, mas aí eu usava, não tem aqueles negócios de xampu? Vidro de xampu? [...] eu fazia que era eu, que eram as pessoas.” (informação verbal)².

4 O BRINQUEDO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Além dos conceitos de definição acerca de brinquedo e brincadeira, deve-se entender como se dá esse aspecto da vida cotidiana em nossa sociedade movida pelo capital e pela geração de lucro, que é a sociedade regida pelo capitalismo. A indústria por trás da imagem do brinquedo nasceu, assim como a de vários outros produtos, através de um processo de ruptura do tradicional e artesanal para o novo industrializado, por consequência das novas técnicas de produção, novas matérias primas, etc.

No caso do brinquedo, essa ruptura se deu em meados do século XIX sendo que a mesma, quando consumada, gerou o surgimento das grandes empresas, da criação de novas formas de distribuição, novas lojas, novos jeitos de vender, tudo isso levando à consequente racionalização da organização da produção (BROUGÈRE, 2004, p.27).

A racionalização se dá “[...] pela aplicação de técnicas de análise do mercado, de determinação da expectativa dos consumidores (marketing), de criatividade e de testes dos modelos fabricados.” (BROUGÈRE, 2004, p.28), no entanto ela não está livre da influência

¹ Entrevista fornecida por Ayla Rangel Dutra, em Rolim de Moura, Rondônia, em 23 de novembro de 2017.

²Id. em 23 de novembro de 2017.

dos interesses de determinada camada social, aqui no caso, a da elite detentora do capital, que concebe o brinquedo como “[...] um espelho deformante, um espelho para destinatários certos, um espelho para a criança, espelho ao qual está ligado um reflexo que não é atribuído a nenhuma realidade precisa.” (BROUGÈRE, 2004, p.32).

O poder de influência desses reflexos na vida de uma criança é muito grande, como se demonstra nas falas das entrevistadas, Ayla: “[...] porque a Barbie, a gente se vê [...]” (informação verbal)³ e sua irmã, Aline: “[...]: Eu achava interessante, eu queria saber por que, porque tipo assim, quando você fazia em casa, aquilo era diferente e comprado parece que tinha uma outra coisa [...] quando surgiu aquelas bolinhas pra gente era incrível.”⁴ (informação verbal)⁵.

Neste ponto o brinquedo é tratado como o produto e práticas desenvolvidos por um determinado grupo de pessoas que estão à frente das grandes empresas fabricantes de brinquedos, visando “encubar” nas crianças um modelo específico de expectativa do que eles “devem” se tornar e dos papéis aos quais eles “devem” desenvolver quando crescer.

Seriam um reflexo não da sociedade em que se inserem, mas sim um reflexo de uma imagem de “cidadão ideal” que esta elite tenta vender como produto às crianças e seus pais.

5 A QUESTÃO DO GÊNERO

Na sociedade ocidental no decorrer da história, se tem a noção de que você nasce ou homem ou mulher, de uma forma determinada apenas pelo seu sexo biológico. Com raízes na teoria criacionista, esta noção, vinculada fortemente às religiões com matrizes judaico-cristãs, pressupõe não só seu gênero e sua sexualidade como determinados pelo seu sexo biológico, mas também determina que ambos os sexos têm papéis, socialmente definidos e específicos que o outro sexo não poderia desempenhar. No entanto, como se é observado em vários indivíduos, alguns não se identificam com o sexo com o qual nasceram ou até não se identificam com nenhum dos dois.

Para se conceituar a questão referente ao que temos hoje em dia como Gênero e a construção deste termo, o livro escolhido para embasamento foi “Conversando na Escola sobre Elas e Eles para além do politicamente correto”, das organizadoras Adla Betsaida M. Teixeira e Flávia Alcântara (2010), no qual pode se visualizar de uma forma mais didática e

³Entrevista fornecida por Ayla Rangel Dutra, em Rolim de Moura, Rondônia, em 23 de novembro de 2017.

⁴ Fala onde a entrevistada Aline está referindo-se ao desejo de infância de ganhar um brinquedo de soltar bolhas de sabão só pelo fato de ser industrializado, sendo que ela e sua irmã Ayla, já brincavam com uma versão caseira parecida há mais tempo.

⁵ Entrevista fornecida por Aline Rangel Dutra, em Rolim de Moura, Rondônia, em 23 de novembro de 2017.

com uma linguagem de fácil acesso (tendo como público alvo, os jovens e educadores), várias situações e relatos acerca de temáticas e problemas enfrentados no cotidiano em relação ao Gênero.

Através de diálogos com relatos de experiências de educadores e análises de obras da cultura popular como livros e filmes, as autoras propõem como objetivo “[...] apresentar alguns lances e facetas que [...] auxiliarão na problemática de gênero impregnada no senso comum.” (ALCÂNTARA; TEIXEIRA, 2010, p.13).

É perante problemas presentes dentro e fora da escola por questões de intolerância, homofobia, sexismo, machismo entre outros que o livro tenta colocar um embasamento do que se tem colocado sobre essas questões e as problematizações e debates que estão e as que deviam estar sendo feitas sobre tais assuntos, através de propostas de oficinas e “dicas” aos educadores.

A obra “[...] trata a categoria gênero como resultante de construções socioculturais associadas à diferença sexual.” (ALCÂNTARA; TEIXEIRA, 2010, p.10), dentro desta conceituação, cabe problematizar e entender que esta categoria se concebe como uma construção social idealizada para se identificar os indivíduos que não se identificam como cisnormativos, ou seja, como homem ou mulher. Com isso, faz-se necessário entender melhor essas pessoas e não apenas julgá-los como destoantes da sociedade em que se situam, mas sim como uma pluralidade da identidade humana, para se diminuir de preconceitos e práticas de ódio em relação fenômenos como a homossexualidade, a assexualidade, a transsexualidade e a não binarismo.

Não apenas em relação à sexualidade, mas também à essa idéia de papéis em si, os indivíduos plurais não se vêm representados por esta noção. Tem-se como exemplo a situação das colaboradoras, em que “Diante do desafio de interpretação dos relatos, temos em mente que lidamos com fontes decorrentes de práticas humanas vivas, produzidas em âmbitos de experiência marcados por estruturas de sentimentos [...]” (WILLIAMS apud LAVERDI, 2012, p. 4), através dessa perspectiva, elas relatam:

Eu sou homossexual e me considero assim desde quando eu descobri, com meus quinze anos, ainda na igreja, ainda na igreja e me assumi depois que eu saí da igreja, na verdade eu saí da igreja porque eu me assumi. (AYLA RANGEL DUTRA 23 de novembro de 2017).

“[...] eu era mais, era igual um menininho mesmo, eu brincava sabe, de brincar, de brincadeiras mais de pular, correr, se machucar, enfim, entendeu, eu nunca gostei desse fato

de ficar brincando de boneca, brincando de casinha, de fazer bolinho, essas coisas.” (informação verbal⁶).

Por muito tempo a mídia e instituições conservadoras, como as igrejas protestantes, tiveram papel essencial no reforço de estereótipos (pressupostos generalizados feitos sobre comportamentos e características de outros) ao construir ideais ligados à imagem do sexo masculino e feminino que nem sempre eram correspondidos, em especial por esses indivíduos transgêneros.

Os estereótipos contribuem para que os indivíduos não se identifiquem com as representações predominantes na mídia ou nas suas religiões e, consequentemente, não se aceitem. Programas de televisão que reforçam em sua programação padrões ligados ao físico e ao comportamento de homens e mulheres, por exemplo, afetam a forma como a parcela da população que não se encaixa nesses padrões se enxerga, assim como a enfatização de trechos de escrituras sagradas para algumas religiões para se justificar discursos de intolerância e discriminação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vale lembrar que a história da criança fez-se à sombra daquela dos adultos.” (PRIORE, 1991, p.4), essa frase resume bem a situação das crianças no decorrer da história. Sendo influenciadas por ideias e processos históricos anteriores às suas existências, as crianças, enquanto ainda crianças, se vêem imersas em diversos tipos de discursos que pressupõe quem elas deveriam ser, em detrimento de uma expectativa que não é do próprio individuo, mas sim de outras pessoas, deixando as crianças como “[...] prisioneiras da escola, da Igreja, da legislação, do sistema econômico [...]” (PRIORE, 1991, p.3).

Segundo a teoria sociocultural de Vygotsky (1978), o crescimento cognitivo de uma criança seria um processo cooperativo.

Segundo Vygotsky, as crianças aprendem através da interação social. Elas adquirem habilidades cognitivas como parte de sua indução a um modo de vida. As atividades compartilhadas ajudam as crianças a internalizar os modos de pensamento e comportamento de suas sociedades e a torná-los seus.

De acordo com Vygotsky, os adultos (ou pares mais desenvolvidos) devem ajudar a dirigir e organizar a aprendizagem de uma criança até que ela possa aprender e internalizar o aprendizado. Essa orientação é muito eficaz para ajudar as crianças a atravessarem a **zona de desenvolvimento proximal (ZDP)**, a lacuna entre o que elas já são capazes de fazer e o que não estão totalmente prontas para fazer sozinhas. (VYGOTSKY apud FELDMAN; PAPALIA; OLDS, 2006, p. 82)

⁶Entrevista fornecida por Aline Rangel Dutra, em Rolim de Moura, Rondônia, em 23 de novembro de 2017

Analisando por esse olhar, temos os adultos como peça chave para instituir se o desenvolvimento sociocultural da criança será ou não saudável, tendo estes, a responsabilidade de estar não apenas cuidando de uma criança, mas sim participando do processo de construção de uma mentalidade.

Não é diferente quanto à questão do gênero. Ao tomar uma linha de raciocínio preconceituosa, discriminadora e segregacionista, no que tange ao âmbito da educação de crianças e jovens, você acaba tomando o risco de influenciar essa criança a se tornar preconceituosa, discriminadora e segregacionista ou de traumatizá-la profundamente, por ela simplesmente não se encaixar na imagem homogeneizada e generalista que as vertentes mais conservadoras têm como modelo de cidadão de bem, algo completamente ilusório e de caráter de exclusão do diferente.

Tendo-se em vista o número alarmante crescente de casos de violência, física e verbal, discursos de ódio, assassinatos, suicídios, em detrimento de situações como Homofobia e discriminação, é necessário, portanto, que se continue a luta para se ganhar cada vez mais espaço para o debate saudável e conscientização das pessoas desde os níveis básicos de educação, com a criação de técnicas pedagógicas, políticas públicas e a abertura de discussões que abarquem cada vez mais as noções de pluralidade, que reconheçam e respeitem a subjetividade dos indivíduos e estimulem a empatia e a aceitação das diferenças, pois é desde as primeiras fases da vida que temos que lutar contra a naturalização de todo e qualquer conceito que leve ao preconceito doentio, discursos de ódio e a não aceitação do universo subjetivo e único do outro, “Somente a igualdade nos prepara para aceitar a diferença [...] sem diferença não há igualdade [...]” (PORTELLI, 1997, p. 23) afinal sem as diferenças que fazem parte de todos os indivíduos em nossa sociedade, nós não seríamos como somos hoje, nem melhores, nem piores do que ninguém, mas iguais em nossas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, F; TEIXEIRA, A. B. M. (Org.). **Conversando na Escola sobre Elas e Eles: para além do politicamente correto.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010. 70 p.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 110 p
- COSTA, W, M, de O. **O Brinquedo e o Gênero na Educação Infantil Pré-Escolar no município de Rolim de Moura.** Monografia. Universidade Federal de Rondônia, 2014.
- DUARTE, G. R.(Org.). et al. **História Oral, Desigualdades e Diferenças.** Recife: UFPE, 2012. 334 p.

FELDMAN, R. D; PAPALIA, D. E; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 868 p.

LAVERDI, R. Cidade, trabalho e homossexualidade vividos: por uma história oral da alteridade gay em pequenas cidades no Brasil. In: ORAL HISTORY FORUM D'HISTOIRE ORALE, EDICIÓN ESPECIAL/SPECIAL ISSUE “HISTORIA ORAL EN AMÉRICA LATINA/ORAL HISTORY IN LATIN AMERICA”, 32, 2012, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Oral History Forum D'Historie Orale. p. 1-16.

PORTELLI, A. **Forma e significado na história oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 7-24, 1997

PRIORE, M. Del. (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. 116 p.

THOMAS, Marlo. **Free to Be... You and Me**. Nova York: Bell Records, 1972. 1 disco compacto (48 min.): digital, estéreo. Disponível em: <<http://www.songlyrics.com/marlo-thomas/william-s-doll-lyrics/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

SANTOS, A. R. Dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 191 p.